



GT 054. Políticas, etnografias e campos da extensão universitária na antropologia brasileira

Luciana Gonçalves de Carvalho (Ufopa) - Coordenador/a,
 Luciana de Oliveira Chianca (UFPB) - Coordenador/a,
 Ulisses Neves Rafael (Universidade Federal de Sergipe) - Debatedor/a,
 Lady Selma Ferreira Albernaz (ufpe) - Debatedor/a

A pesquisa de inspiração participante marcou a busca de uma construção reflexiva e dialógica no campo antropológico, notadamente a partir dos anos 1970, no Brasil. O fazer antropológico expandiu-se então consideravelmente, na percepção de que saberes acadêmicos, científicos ou humanísticos pressupõem uma fusão de horizontes com os saberes populares e locais, sejam eles tradicionais ou não. Tal pressuposto transformou o cotidiano de muitos professores e pesquisadores, sendo que nas universidades brasileiras ele foi traduzido pela incorporação oficial da extensão no binômio ensino/pesquisa, relacionando conceitual e inexoravelmente a universidade pública com a sociedade e suas demandas. Este GT propõe o debate de aspectos conceituais, metodológicos, políticos, relacionais e pedagógicos de práticas extensionistas em diferentes contextos de atuação e em relação com áreas de conhecimento conexas à antropologia. São bem-vindos relatos de experiência e análises de programas, projetos de extensão universitária e ações extramuros, voltadas para educação, arte, saúde, meio-ambiente, patrimônio cultural, igualdade racial, direitos humanos, desenvolvimento local, trabalho e renda. Deseja-se estimular reflexões e críticas sobre o preceito da indissociabilidade das dimensões de ensino, pesquisa e extensão, considerando-se as condições objetivas e subjetivas da implementação das ações e mediações extensionistas nas distintas regiões do Brasil.

Políticas afirmativas como extensão universitária e a participação de antropólogos(as) como mediadores de suas controvérsias.

Autoria: Marcos Silveira

O objetivo desta comunicação é compartilhar a minha experiência com políticas afirmativas na Universidade Federal do Paraná, junto a estudantes negros e indígenas e a partir do diálogo com outros antropólogos(as) envolvidos nestas políticas em outras Universidades do Sul do Brasil. Comecei trabalhando no NEAB - Núcleo de estudos afro-brasileiros e no NAPA - Núcleo de acompanhamento de políticas afirmativas, que existiu entre os anos de 2009 e 2010, recebendo e tentando solucionar os diversos problemas dos estudantes indígenas na Universidade, e lidando com os problemas dos estudantes negros, entre 2008 e 2012. Também preside a banca de verificação da auto declaração racial entre os anos de 2010 e 2012. Até hoje work com o acompanhamento da Educação superior indígena. Uma série de questões surgem a partir desta atuação com a implementação dessas políticas públicas. Os antropólogo(a)s e outros pesquisadores envolvidos terminam servindo como mediadores entre duas posições distintas: a burocracia universitária e os movimentos sociais e suas reivindicações, cujos interesses são difíceis de conciliar. As políticas afirmativas são mal-entendidas e mal aplicadas na Universidade por uma série de agentes responsáveis pelas suas implementações. A Universidade não consegue abrir mão de uma ideia de um "Estudante universal" diante do qual as demandas específicas de indígenas, quilombolas, negros urbanos e até de alunos de escola pública pouco se encaixam. Há muito o que se discutir e o que se pesquisar. Além de jogos de interesses, em que se termina envolvido, é interessante pensar o jogo de relações Inter étnicas com o Estado a partir destas políticas afirmativas de ingresso no ensino superior, que produz uma série de questionamentos sobre a vida universitária e os desafios que esta traz para esses estudantes, mas, até onde podemos ir com esses questionamentos? Pretendo apresentar um quadro geral da situação atual dos estudantes indígenas e dos estudantes negros,

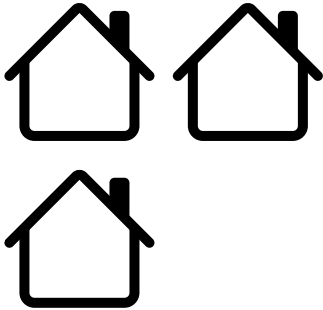


na UFPR, procurando trazer questões específicas relevantes para um melhor entendimento deste outro work, universitário sem ser, à princípio, acadêmico. Afinal, que tipo de atividade profissional é esta já que não estamos lidando com uma atividade de ensino e de pesquisa strictu sensu, mas também não estamos lidando com as atividades de extensão mais consagradas da Universidade?

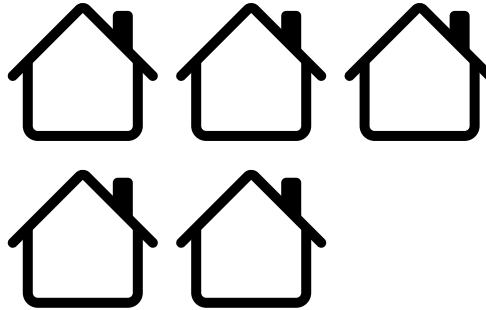
[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

